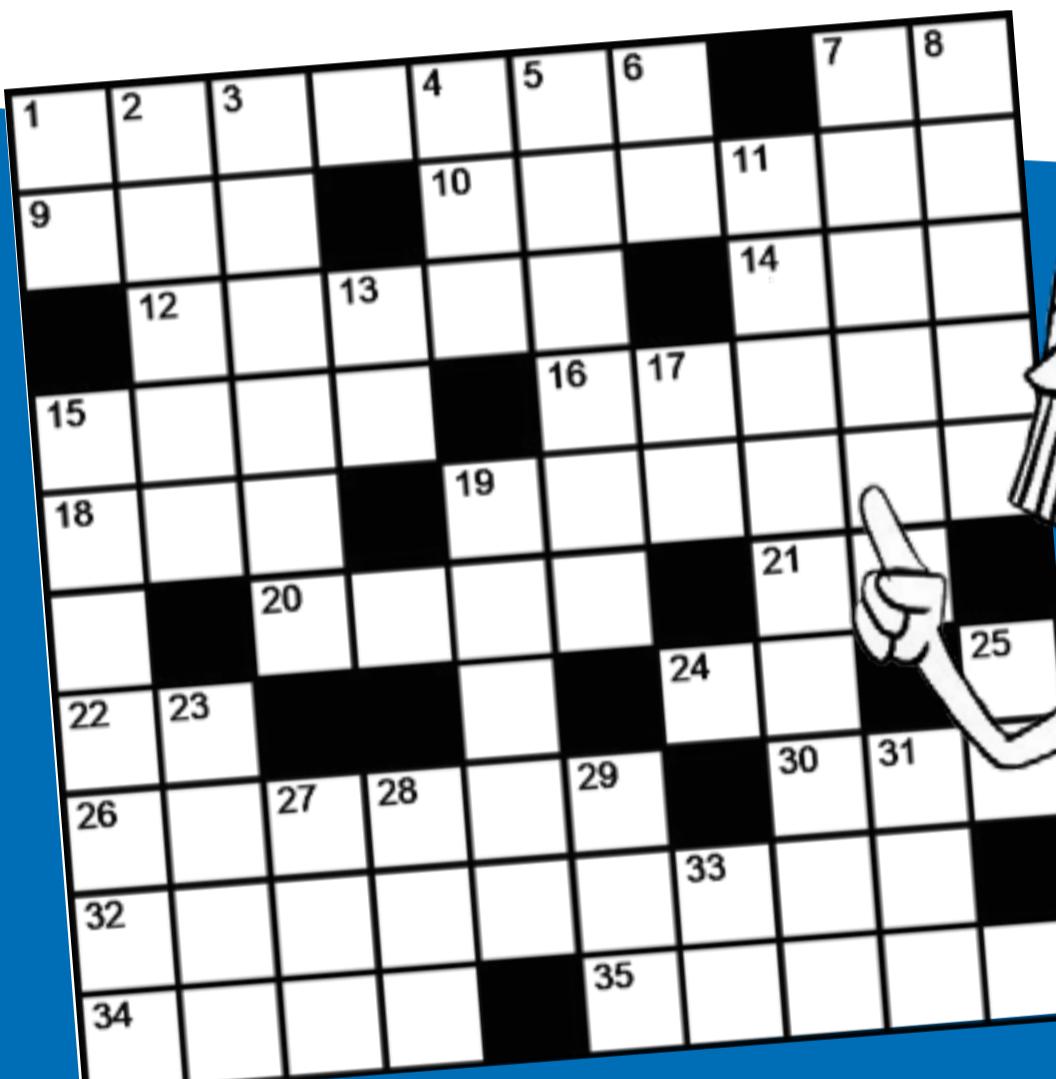


# Publico BOLETIM *Público na escola*



# Catrapiscar palavras

Com o apoio de:



EDUCAÇÃO, CIÉNCIA E INovação





## Editorial de **Bárbara Simões**

COORDENADORA DO PÚBLICO NA ESCOLA

# *Leiam, leiam muito. E verão*

**N**ão tanto pela lassidão da canícula, mas por adequação ao calendário escolar, este é o momento em que também o PÚBLICO na Escola interrompe algumas das iniciativas de que se ocupa durante o ano letivo. A começar por este Boletim mensal, que regressa em setembro, com uma edição preparada numa lógica um pouco diferente da habitual e pensada para facilitar o regresso às aulas.

Como se adivinha pelo nome, as “Notícias PÚBLICO na Escola para a Sala de Aula” farão igualmente uma pausa em julho e agosto. Esta rubrica, iniciada em março passado, descomplica temas da atualida-

de – tanto pela adequação da linguagem como pelas informações complementares e de contexto. Objetivo: ajudar os professores a levar as notícias para a sala de aula e facilitar aos educadores em geral conversas com os mais novos acerca do que acontece no mundo.

A habitação, por exemplo, tornou-se “um dos temas mais urgentes e controversos do nosso país, sendo transversal à política, à economia e ao quotidiano dos portugueses”. O resumo é de Ana Rita Forner Pereira, aluna do 12.º ano, vencedora da edição de maio (e última deste ano letivo) do concurso “Isto também é comigo!”. O texto de opinião que escreveu, depois de ter lido uma re-

portagem no PÚBLICO, defende que a resposta à crise da habitação “não se pode limitar ao assistencialismo; tem de ser estrutural”.

Por ser junho, ao texto de opinião do “Isto também é comigo!” junta-se, neste Boletim, a entrevista premiada no “Jornalistas em rede” – o outro dos dois concursos promovidos, em parceria, pelo PÚBLICO na Escola e a Rede de Bibliotecas Escolares.

Num verão entre eleições (legislativas e autárquicas), damos espaço, sob a forma de plano de aula, à reflexão sobre as formas de exercício do poder político e a sua evolução ao longo da História; e à explicação/descomplicação da Casa das Ciências quanto ao método de Hondt, de que tanto ouvimos falar (será que percebemos mesmo como funciona?).

O resto é ler. No Boletim, nos jornais, nos livros. O que por falta de tempo empilhámos nos meses anteriores ou a leitura nova suscitada por algo que acabámos de ver, de ouvir, de conversar. Ou ler – porque não? – para começar a fazer palavras cruzadas. Não seria elegante apropriar-me aqui da frase (e do conselho) do cruciverbalista Paulo Freixinho. Convido-vos, por isso, a ler o texto da Carolina Franco, que conversou com ele a seguir ao Concurso Nacional de Palavras Cruzadas. Está nas páginas 4 a 8. Na página seguinte vêm, como não podia deixar de ser, as Palavras Cruzadas do nosso habitual “Vamos Cruziscar”.

Bom verão!



**Este Boletim mensal regressa em setembro, com uma edição preparada numa lógica um pouco diferente da habitual e pensada para facilitar o regresso às aulas.**



# Paulo Freixinho, o semeador de Palavras Cruzadas

Tornou-se cruciverbalista profissional “por teimosia”. Entretanto passaram 35 anos e encontrou nas escolas uma forma de manter viva a arte de fazer palavras cruzadas.

**Q**uando lhe perguntavam “o que é que queres ser quando cresceres?”, cruciverbalista não estava entre as hipóteses. Primeiro porque não era um ótimo aluno a Português, depois porque fazer das palavras cruzadas um emprego não era sequer uma opção. Fazer um jogo para ganhar a vida? Nem se pensava nisso. Mas que Paulo Freixinho gostava de *cruziscar*, gostava.

Foi precisamente na escola que descobriu que podia ser melhor aluno com a ajuda deste jogo. Conheceu novas palavras, criou uma relação de proximidade com a semântica, e não demorou muito até começar a querer ler mais. Tornou-se um bom aluno a Português mas, mais importante, tornou-se um leitor para a vida. No momento de escolher a profissão, foi para desenhador gráfico no mundo editorial. Um dia, surgiu a oportunidade de fazer uma página de passa-

tempos para uma revista. Agarrou-a e “foi assim que tudo começou”, diz Paulo Freixinho.

Contra todas as expectativas, fez das Palavras Cruzadas profissão. É, há muito anos, o autor das que saem todos os dias com o PÚBLICO. E nestas, a inspiração são as próprias notícias. Podem, então, as palavras cruzadas ser uma ferramenta para trabalhar a literacia mediática? Freixinho acredita que sim. E será que os jovens ainda se interessam por este tipo de atividades? O trabalho de campo nas escolas portuguesas tem-lhe dado provas disso.

## 100 anos de Palavras Cruzadas, 35 com Freixinho

“É isso que eu faço: vou às escolas levar o meu testemunho. Cada vez mais nota-se que os miúdos andam com problemas no vocabulário e na interpretação de texto, e as palavras cruzadas são quase como um remédio para essa situação”, explica. Já eram na sua altura; mas sente que num tempo em que a imagem está por toda a parte, e em que se trocam mensagens só com *emojis*, o remédio faz outra falta.

As idas às escolas tornaram-se uma parte fundamental do seu trabalho, assumiu-as como uma missão. Uma semana normal na vida deste cruciverbalista divide-se entre as leituras de jornais e de livros, a feitura das palavras cruzadas, as visitas a escolas e a promoção dos livros que também vai lançando – o mais recente, *100 Maneiras de Melhorares o teu Português*, que escreveu a meias com Sara de Almeida Leite, também foi feito a pensar nos mais novos. São quase sempre sete dias de semana a trabalhar.



[Página anterior] Paulo Freixinho veste a camisola: descobriu a palavra “xurdir”, impressa na t-shirt, em 1999, e tornou-se a sua favorita.  
FOTO: Rui Gaudêncio

Em 2014, o cruciverbalista do PÚBLICO fez uma campanha para eleger “xurdir” como palavra do ano.  
FOTO: Rui Gaudêncio



A final do Concurso Nacional de Palavras Cruzadas juntou em Cinfães 70 alunos de todo o país.

FOTO: DR

O livro foi lançado em maio deste ano e pouco depois, no dia 3 de junho, o número 100 voltaria a estar em destaque. É que nesse dia festejaram-se 100 anos das primeiras palavras cruzadas em Portugal, e a celebração até teve direito a festa na Biblioteca Municipal do Barreiro, com bolo e velas para apagar. “Foram publicadas (pela primeira vez) num jornal desportivo do Porto, chamado *Sporting*. Não sei quem é o autor, porque não eram assinadas, mas são muito curiosas.” Tão curiosas que Freixinho adotou algumas pistas para as suas.

Nestes 100 anos de história de Palavras Cruzadas em Portugal, 35 têm o nome de Paulo Freixinho como cruciverbalista profissional. Desde que começou, já muito mudou – no mundo, na forma de fazer jornais e na forma de fazer palavras cruzadas. Lembra-se de ter de desenhar a gre-

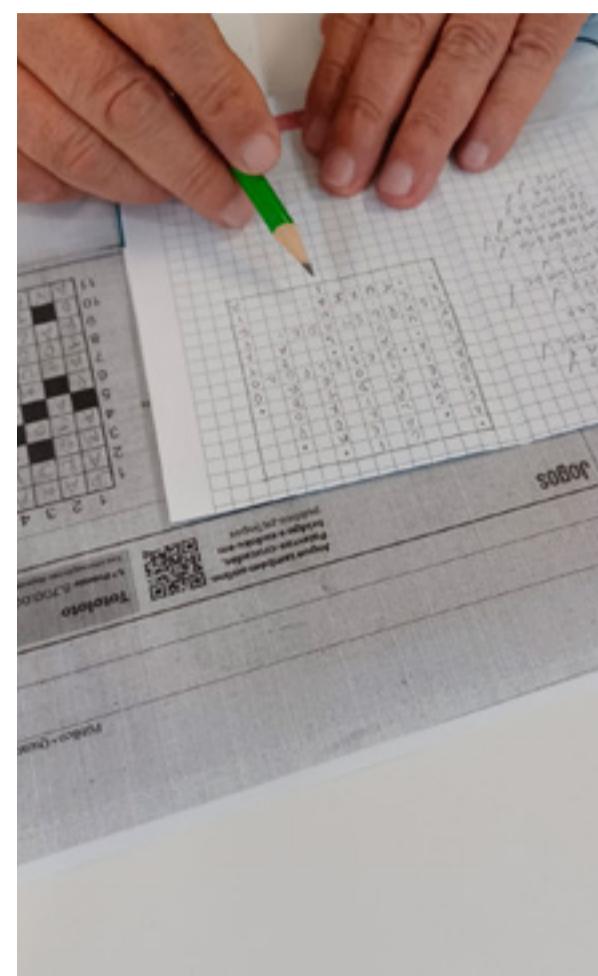
lha a tinta-da-china, fazer os enunciados a máquina de escrever e até de usar folhas de decalque quando “tinha passatempos mais gráficos”. Depois vieram os computadores e tudo mudou. Menos o gosto por cruziscar e descobrir novas palavras como “xurdir” ou “frol”.

“Hoje consigo fazer palavras cruzadas só a clicar num botãozinho e o computador preenche a grelha, só que do lado de cá estou a ser censor. Eu vejo logo os cantos que ele vai preencher de uma maneira mais fácil e altero isso depois, nunca é 100 por cento o computador a fazer. Principalmente as do PÚBLICO, não são mesmo feitas no computador. Uso-o como base dos dados e facilmente tenho acesso a uma série de palavras que cabem num certo espaço – é a grande ajuda que me dá.”

Quando faz sessões de Palavras Cruzadas em escolas, leva o desafio

Quando vai às escolas, Freixinho desafia os alunos a fazerem as suas palavras cruzadas numa folha quadriculada.

FOTO: DR



aos alunos: há uma parte em que se divertem a fazer palavras cruzadas e outra em que criam as suas próprias. Paulo Freixinho escolhe um tema, dá-lhes uma folha quadriculada e os alunos têm de cruzar palavras dentro do espaço que têm. “Eles adoram esse exercício”, conta. Em cada escola, vai deixando uma semente.

## Vamos cruziscar? Quatro mil alunos disseram: “sim!”

Nas escolas portuguesas, Paulo Freixinho foi ganhando aliados. Uma dessas pessoas é Isabel Ramos, professora bibliotecária e Coordenadora Interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), que no ano letivo de 2023-24 lhe propôs que fizessem um Concurso de Palavras Cruzadas a envolver as bibliotecas escolares do Douro, Tâmega e Sousa. Aceitou prontamente e, para sua surpresa, 450 alunos



"Cruciverbalista" é mesmo o nome da profissão de Paulo Freixinho. Levou o tema, com humor, para uma tira de BD onde juntou um guião escrito por si aos desenhos de Paulo Novo.

A palavra "cruziscar", inventada por Freixinho, afixada com a sua conjugação verbal numa escola da Sertã.

FOTO: DR



quiseram participar. Este ano, com o apoio da RBE, o concurso passou a ser nacional.

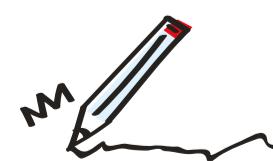
"Quando a Isabel me disse que ia ser nacional, fiquei logo a sonhar", confessa Freixinho. E a realidade superou os seus sonhos: "Chegámos a um número superior a 4 mil alunos de escolas de Norte a Sul. E isto é apenas o princípio, há sempre escolas que ainda não sabem [do concurso] ou que não querem logo participar."

As palavras cruzadas foram feitas pelo mentor do concurso e ganhou quem completou mais respostas certas no menor tempo. As primeiras fases decorreram nas próprias escolas, com várias eliminatórias e uma semi-final. Nessa semi-final foram escolhidos os finalistas, que se encontraram em Cinfães para uma "grande festa". "Estábamos num auditório com um palco cheio de alunos do 1.º ciclo ao ensino secundário a concorrer numa final. Aquilo foi mesmo bonito, nunca esperei uma coisa daquelas."

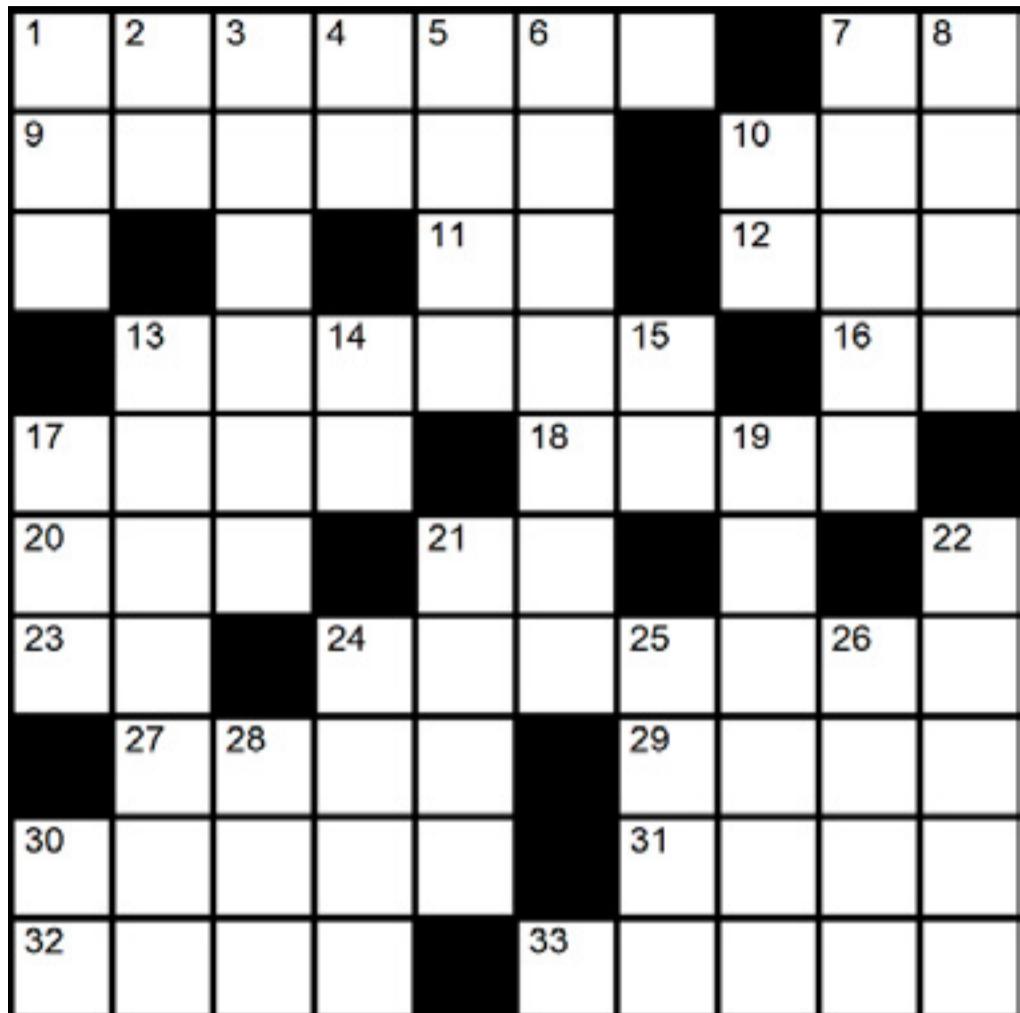
Nem todos os finalistas tiveram oportunidade de se deslocar até este município a norte, mas chegaram lá 70 alunos de 37 escolas. Por cada nível de ensino, houve três

vencedores. No pódio também se sentiu a dispersão geográfica que o concurso conseguiu alcançar nesta primeira edição nacional: Eiriz-Baião, Felgueiras, Amarante, Marco de Canaveses, Cascais, Torres Vedras, Tabuaço, Cinfães e Figueira de Castelo Rodrigo.

O que mais impressionou Paulo Freixinho neste Concurso Nacional de Palavras Cruzadas foi o gosto partilhado por todos aqueles alunos, que serviu de iniciador de amizades entre jovens de realidades e geografias diferentes. Não sabe se algum deles sairá dali a ser cruciverbalista, mas tem um conselho para quem o quiser ser, na era da Inteligência Artificial: "Que leia, que continue a ler, e que seja curioso. E que não se deixe encantar demasiado pela máquina, que acredite mais nas suas capacidades."



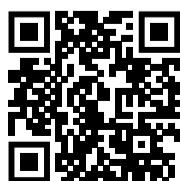
TEXTO DE CAROLINA FRANCO



# Vamos Cruziscar

## #67

Palavras Cruzadas por Paulo Freixinho



Versão online e com soluções:  
[palavrascruzadas.pt/jogos/publico-na-escola---vamos-cruziscar-67](http://palavrascruzadas.pt/jogos/publico-na-escola---vamos-cruziscar-67)

### HORIZONTAIS:

- (?) de Pedralva, escultura inacabada em granito, saiu de Pedralva, no concelho de Braga, para um museu de Guimarães há quase um século (Escola EB 2/3 D. Afonso Henriques - Guimarães).
- Símbolo de centímetro.
- Exalou.
- Vai à rua.
- Multibanco (abrev.).
- Época.
- Augusto (?), fundou, em 1955, a Tipografia Popular do Seixal (Escola Secundária Dr. José Afonso – Seixal).
- Numeração romana (2000).
- Abertura no vestuário junto à região da axila.
- Construção que cerca um terreno ou separa terrenos contíguos.
- Reza.
- Terceira sílaba da palavra DIÁLOGO.
- Ministério da Educação (sigla).
- Parte do rio que corre para a foz, contrária à nascente ou montante.
- Grande desordem.
- Reduzir a pó.
- Peixe seco que é tradição em Olhão e prato obrigatório no Natal de muitas famílias (Escola Básica Dr. Alberto Iria - Olhão).
- Cidade portuguesa, situada no distrito de Aveiro.
- Completa o provérbio: "Grão a grão, enche a galinha o (?)".
- Nome de ave tropical.

### VERTICIAIS:

- Número de anos de um centenário.
- Ordem dos Médicos (sigla).
- Limpava com água.
- Ligado (inglês).
- Adição.
- "(?) juntos", mural que simboliza a união e a superação de limitações, convidando a comunidade a repensar o espaço urbano e a celebrar a diversidade, situado na Rua Ruy Faleiro, na Covilhã (Escola Secundária Campos Melo – Covilhã).
- "Troupe (...)", projeto teatral criado por Lídia Muñoz e Tiago Durão, na Amareleja (Agrupamento de Escolas de Moura).
- Dão miados.
- Partícula apassivante.
- Assemelhava-se (a).
- Los Angeles.
- Conjunção que indica alternativa.
- Preposição que indica companhia.
- Substitui por algo novo.
- Português.
- O nosso planeta.
- (?) Manuel Ribeiro, escritor entrevistado por Beatriz Costa e Beatriz Teixeira (vencedoras do concurso "Jornalistas em Rede").
- Forte afeição.
- Maquinismo para tecer.
- Association of Tennis Professionals (sigla).
- Disco de vinil que roda a 33.3 rotações por minuto.

# Quando a urgência se torna um teto



TEXTO DE  
**ANA RITA FORNER PEREIRA**

**É**cada vez mais evidente que a habitação tem vindo a tornar-se um dos temas mais urgentes e controversos do nosso país, sendo transversal à política, à economia e ao quotidiano dos portugueses. No entanto, a gravidade do problema atinge um novo patamar quando os serviços de urgência hospitalar passam a acolher não só doentes, mas também pessoas em situação de sem-abrigo, que procuram um teto, alimento e condições mínimas de higiene.



A reportagem da Lusa, publicada no jornal PÚBLICO, “Há cada vez mais pessoas sem-abrigo que chegam às urgências por um tecto, comida e higiene”, centra-se nos hospitais de Lisboa e revela como a crise habitacional e o aumento do custo de vida levam a que cada vez mais cidadãos se encontrem em situações de extrema vulnerabilidade.

É chocante perceber que, num país europeu no século XXI, ainda existam pessoas que não têm acesso a bens essenciais à vida, recorrendo ao hospital como último recurso para sobreviver. Os serviços de urgência transformaram-se em refúgios improvisados, onde se procura não só assistência médica, mas também dignidade. Não deveria isso ser algo imanente a qualquer ser humano?

Este fenómeno não pode ser encarado como uma “anomalia social” passageira. Trata-se do reflexo de políticas habitacionais ineficazes, da especulação imobiliária descontrolada e de uma rede de apoio social incapaz de responder com a rapidez e a eficácia necessárias. Quando uma cama de hospital passa a ser mais acessível do que uma cama num quarto arrendado, não é um indício de que algo está errado?

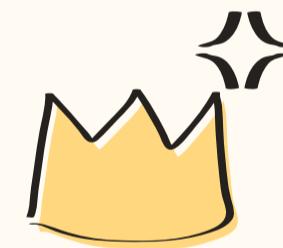
Para além disso, os profissionais de saúde estão a ser obrigados a responder a problemas sociais com ferramentas clínicas, desvirtuando a função dos hospitais e agravando o desgaste dos serviços, já sobreacarregados.

É urgente repensar a estratégia. A resposta não se pode limitar ao assistencialismo; tem de ser estrutural. É essencial investir em habitação acessível, reforçar os serviços sociais e, sobretudo, garantir apoio antes que seja atingido o ponto de rutura.

Afinal, para muitos, a verdadeira urgência não se deteta num eletrocardiógrafo, mas reside antes na ausência de um lar.



**Os serviços de urgência transformaram-se em refúgios improvisados, onde se procura não só assistência médica, mas também dignidade. Não deveria isso ser algo imanente a qualquer ser humano?**



Iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso “Isto também é comigo!” distingue, todos os meses, um texto de opinião da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. Integraram o júri, na edição de maio: Luís Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Anabela Solinho, professora do AE António Correia de Oliveira, em Esposende; João Lourosa, aluno do 12.º ano do Agrupamento de Escolas de Tondela; e Carla Fernandes, elemento da equipa do Gabinete Coordenador da RBE.]



O suplemento, disponível online, saiu com a edição do PÚBLICO do dia 26 de junho, quinta-feira.

Literacia mediática

# Fizeram um plano e venceram. Caderno especial do PÚBLICO com trabalhos de alunos

Vencedores da quarta edição do concurso “Vamos Fazer um Plano”, do PÚBLICO na Escola e do Plano Nacional das Artes, vêm da Covilhã, Guimarães, Seixal, Moura e Olhão.

**A**garraram a proposta que lhes foi feita e puseram mãos à obra: alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário olharam à sua volta e escolheram um tema relacionado com cultura que achavam que toda a gente devia conhecer. Fizeram um plano – trabalho de duas páginas de jornal, lado a lado – com textos e fotografias e venceram. Agora o objetivo de dar a conhecer estas histórias a mais pessoas concretiza-se: os planos saem num caderno especial de 16 páginas, publicado em papel na edição do dia 26 de junho do PÚBLICO e disponível para ser descarregado e lido leitura em pdf ([clicar aqui](#)).

O grupo de vencedores deste ano letivo de 2024-25 conta com turmas e grupos de alunos do Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques (Guimarães), Agrupamento de Escolas de Moura, Agrupamento de Escolas Dr. Alberto Iria (Olhão), da Escola Secundária Campos Melo (Covilhã) e da Escola Secundária Dr. José Afonso (Seixal). As histórias impres-

[P-100000 - Cotação Fim de dia \(atualizada\)](#)

**"Aprendi a observar mais coisas ao meu redor. O telemóvel anda a prejudicar isso"**

O que acontece quando se desafiam alunos do 3º ciclo e do secundário a produzir matérias jornalísticas sobre cultura? Descobrem-se alunos (e professores) interessados e empenhados no mundo à sua volta. Por Cláudia Lobo

**O**bras de teatro, exposiciones, congresos y debates, en el marco de la Feria del Libro, se han celebrado en Madrid para recordar la figura de José Martí, autor de *El Diario de un Soldado de la Independencia Cubana*, considerado el primer libro escrito en Cuba. La feria ha sido declarada de interés cultural por el Ayuntamiento de Madrid, que ha organizado una serie de actividades para conmemorar el centenario de la muerte del escritor cubano. Entre las actividades programadas se incluyen la lectura de extractos de sus obras, la presentación de libros sobre su vida y obra, y la realización de debates y conferencias sobre su legado.



O resultado final é fruto de um processo de mentoria com jornalistas do PÚBLICO na redação do jornal em Lisboa, que todos os vencedores visitaram.

sas nos seus trabalhos falam sobre um “colosso” que passava despercebido, uma companhia de teatro, um peixe chamado litão, um mural de azulejos e uma tipografia que passou a museu.

O resultado final, agora reunido neste caderno especial, é fruto de um processo de mentoria com jornalistas do PÚBLICO na redação do jornal em Lisboa, que todos os vencedores visitaram. Os textos foram editados, as fotografias foram escolhidas, o *design* foi reorganizado e adaptado ao estilo do PÚBLICO.

Este ano, fizeram parte do júri do concurso as coordenadoras inter-municipais do Plano Nacional das Artes (PNA) Susana Cabeleira, Su-sana Silvério e Ana Sofia Vieira; e as jornalistas Bárbara Simões, coorde-nadora do PÚBLICO na Escola, e Lu-cinda Canelas, da secção de cultura do PÚBLICO. Destacaram uma “me-lhoria na qualidade dos planos apre-sentados”. Para perceber do que falam, basta lê-los.

66

As histórias impressas nos trabalhos falam sobre um “colosso” que passava despercebido, uma companhia de teatro, um peixe chamado litão, um mural de azulejos e uma tipografia que agora é museu



# O Alfarrabista



Crónica de **Ana B. Pereira**

ALUNA DO 12.º ANO  
ESCOLA SECUNDÁRIA VITORINO  
NEMÉSIO, PRAIA DA VITÓRIA

## *Might is right* outra vez

**R**ecuemos muitos passos: canto V, estância 96, a obra já se sabe. “Numa mão a pena e noutra a lança”, escreveu o poeta-soldado. O seu objetivo foi sempre cantar as conquistas dos seus heróis, moldando e cristalizando a sua imagem tal como a pintou. Na verdade, a nossa ideia do que é um herói mantém-se em grande parte inalterada, e serve, à medida que a entropia vai aumentando, como

uma “bengala de significância”. O grande fulcro da ideia de “herói” é a força, que é explicitamente física, da agressão e da imposição da religião cristã.

Hoje o ponto em que estamos não é igual, mas simétrico. A força militar e opressiva é o símbolo de virtude no imaginário épico americano e até israelita, algo que transpõe fronteiras. Em ambas as épocas, há a aceitação da violência como uma realidade ordinária, normalizada. Sendo

FOTO: DR

prática: não vibramos com a gravidade do ataque neonazi a Adérito Lopes, porque em L.A. a guarda nacional violenta manifestantes e no Médio Oriente somam-se as violações das leis internacionais. O mundo parece uma caricatura de si próprio.

No entanto, não diria que a força que hoje valorizamos seja moralizadora – não como na tentativa de dilatação da cristandade, não como construção de um império –, mas mais defensiva, um meio para destruir a ameaça da desordem e da incerteza. Em vez disso, vejo maior afinidade com a liberdade percebida na amoralidade. Talvez como sinal de niilismo, talvez como produto do insucesso na concretização de um projeto social mais profundamente democrático, agora há uma preferência potencialmente maioria pelos anti-heróis. De ambos os lados do espectro político há vozes, como Slavoj Žižek e grupos de apoiantes da ultradireita europeia, que apelam a várias formas de líderes robustos, intrépidos e até inflexíveis – *strongmen, soft autocrats*. A moral, degradada, codifica-se, implicitamente, como um travão que precisa de ser desbloqueado para

que cada nação acompanhe o ritmo do mundo.

A minha tese é que Camões seria um *gymbro*, ópio dos que mais se sentem frágeis e, ao mesmo tempo, vivem o culto da força. Quando se devota tamanha atenção e cuidado à constituição e capacidade de carga quantificada do próprio corpo, está subjacente um desejo real e compreensível. Primeiro, de se aproximar dos “grandes” do mundo; segundo, de ter o controlo rigoroso da própria existência, regrada por uma disciplina que não cobre o momento social e político que vivemos. Além disso, é possível que o corpo do indivíduo seja tido como ferramenta de autodefesa, vista a violência que se vai alastrando pelos espaços do quotidiano.

Assim, se Camões reconhece a necessidade da “pena”, é sobretudo para imortalizar e capturar a figura culturalmente significativa do herói que é fundamentalmente de armas. Tornando-se um mecanismo de sobrevivência, o caminho para ser poderoso e, portanto, inimitável, passa pela criação do mito dos homens-muralha da política e mimetizando-os.

“

Há a aceitação da violência como uma realidade ordinária, normalizada. Não vibramos com a gravidade do ataque neonazi a Adérito Lopes, porque em L.A. a guarda nacional violenta manifestantes e no Médio Oriente somam-se as violações das leis internacionais.

# Os sentidos são uma fonte de inspiração. Estou sempre com as antenas no ar

O escritor João Manuel Ribeiro percebeu, desde muito pequenino, que “tinha licença para pôr as histórias de pernas para o ar” e que podia contá-las “ao contrário”.



ENTREVISTA DE  
BEATRIZ COSTA E BEATRIZ TEIXEIRA

João Manuel Ribeiro começou a sua carreira como jornalista, mas depois dedicou-se à escrita, nomeadamente de contos e poesia, e é conhecido, sobretudo, por escrever para crianças e jovens. Gosta de explorar o mundo da infância e adolescência, tentando sempre conectar-se e aproximar-se dos jovens leitores. Recebeu um prémio pelo livro *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca*.

Nesta entrevista, o escritor João Manuel Ribeiro fala sobre isto e muito mais. Se gostas de saber o que está por trás dos livros e como um escritor pensa e cria as suas histórias, esta conversa é para ti.



[Página anterior] José Manuel Ribeiro a ser entrevistado na Biblioteca Escolar Sophia de Mello Breyner, em Arcozelo  
FOTO: DR

**JORNALISTAS  
EM REDE**

**Público  
na escola**  
EM PARCERIA COM  
REDE DE  
BIBLIOTECAS  
ESCOLARES

FOTO: DR



FOTO: Beatriz Teixeira

## O que o fez ser escritor?

Eu acho que sou escritor fundamentalmente por causa de duas pessoas: por causa do meu avô e da minha professora. Por causa do meu avô, pois quando eu era pequeno, os meus pais trabalhavam todo o dia e, portanto, desde o dia em que nasci até ao dia em que entrei para a escola estive com os meus avós.

Se a minha avó era muito discreta e caladita, o meu avô era, pelo contrário, um espalha-brasas. Ele gostava de cantar, contar histórias e anedotas e tinha muitas brincadeiras. Lembro-me de ser muito pequeno e o meu avô me sentar ao colo e me contar histórias. E lembro-me de ele reinventar histórias para mim. Por exemplo, contou-me a história da "Branca de Neve

e os 7 anões" e a seguir a história da "Preta de carvão e os 7 tições". Parece uma brincadeira, mas isto é muito significativo, porque desde muito pequenino percebi que tinha licença para pôr as histórias de pernas para o ar e que podia contar as histórias ao contrário.

Outra coisa que eu aprendi com o meu avô foi que as palavras têm um som. Por isso é que há uma simbiose, um casamento perfeito entre as palavras e a música ou a música e as palavras, porque as palavras têm dentro de si música.

Quando cheguei à escola, a minha professora percebeu que eu gostava de brincar com as palavras e, então, foi puxando por mim, foi-me estimulando, e comecei a ganhar o gosto por privar de perto

com as palavras. As palavras são uma matéria-prima de que nós precisamos de cuidar bem. Se cuidarmos bem das palavras, produzimos bons textos. Se não cuidarmos bem das palavras, os textos podem ser equívocos.

Depois, também acho que tive a sorte de apanhar bons professores, que sempre me incentivaram a ler e a escrever, porque, para quem escreve, ler é muito importante.

Eu costumo dizer por brincadeira que a melhor oficina de escrita criativa se chama leitura porque, quando leio o livro, percebo e gosto de perceber como é que o autor escreveu e organizou a trama e o enredo... Estou a tomar contacto com uma realidade que depois posso replicar.

## Como é que se sente ao ser escritor?

Sinto-me bem. Costumo dizer que não escrevo para publicar, mas porque me dá prazer. Acho que não há dia nenhum que eu passe sem escrever alguma coisa. Ainda que seja um pensamento, uma frase, um apontamento diarístico, todos os dias tenho de escrever.

## A sua inspiração é o seu avô, como já referiu...

Sim, diria que é a origem. Digo muitas vezes que vou buscar a inspiração fundamentalmente a dois lugares. Em primeiro lugar, aquilo que eu vejo, penso, oiço, sinto, que eu toco... portanto, os sentidos... são uma fonte de inspiração. Estou sempre com as antenas no ar. A segunda inspiração é aquilo que leio. Nos livros, as ideias são como as cerejas: eu leio um livro e, às vezes, daquilo que leio, surge uma ideia ou oposta ou contrária ou parecida para alguma coisa.

## Quantos livros já escreveu? E quais são os seus maiores sucessos?

Sabes que há uma diferença entre escrever e publicar. Escrever, escrevi muitos. Tenho lá muitos, em casa. Publicar, publiquei até hoje 60 livros.

O livro que mais sucesso internacional teve foi o *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca*. É o meu livro mais traduzido. Internamente, o livro mais bem sucedido foi o livro de poemas, chamado *Poemas para brincalhar*. Esse vendeu bastante.

## E qual é o porquê de o seu livro *Meu Avô, Rei de Coisa*

## Pouca ser tão importante para si?

Porque é uma autobiografia, é um livro em que eu conto a história de infância com o meu avô, que é uma pessoa com grande significado afetivo para mim. E quando tu escreves sobre alguém que amas, de quem tu gostas, com o qual te identificas, é muito mais fácil escrever e, de certo modo, icónico e torna-se um símbolo. Às vezes, costumo dizer a brincar que, se eu tivesse só esse livro, já valeria a pena ter publicado.

## Qual é o seu tipo de livro preferido?

Eu gosto sobretudo de livros que sejam poéticos, gosto de poesia.

## Sempre escreveu para crianças?

Sim, praticamente não escrevo para outras pessoas. De vez em quando, publico poesia para adultos, mas é uma coisa esporádica e residual. Sabes que uma das experiências que o meu livro *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca* me proporcionou foi descobrir que afinal não escrevo para crianças, escrevo para leitores. É verdade que quando estamos no ato de escrever, o leitor ideal que eu tenho na mente é um leitor determinado, concreto. Quando escrevo determinada obra, escolho o tipo de leitor para quem aquela obra está a ser escrita, mas isso não impede que os adultos leiam. Imensos adultos leram a minha obra *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca*, ou porque eram avós ou porque eram pais em vias de ser avós e identificavam-se com a obra - portanto, no ato de escrever, escrevo para leitores.



"Jornalistas em Rede" é um concurso promovido pelo **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)** e destinado aos alunos do 3º ciclo do ensino básico. Em cada ano letivo, atribui dois prémios: à melhor entrevista e à melhor reportagem. Os trabalhos a concurso foram apreciados por um júri do qual fizeram parte as jornalistas Bárbara Simões e Cláudia Lobo, pelo PÚBLICO na Escola; e Carla Fernandes, elemento da equipa do Gabinete Coordenador da RBE.



Recurso educativo

# Democracia em construção: olhar o presente com memória histórica

Primeira ‘foto de família’ do novo Governo,  
em São Bento.  
**FOTO:** Nuno Ferreira Santos

## Contextualização

Sempre que ocorre a formação de um novo Governo em Portugal, renova-se a atenção pública sobre o funcionamento das instituições democráticas e o papel da participação cidadã. Em contexto escolar, estes momentos constituem uma oportunidade pedagógica valiosa para refletir sobre as formas de exercício do poder político e sobre a sua evolução ao longo da História.

A escolha de uma “Notícia PÚBLICO na Escola para a sala de aula” que acompanha esse processo político – neste caso, a nomeação de um novo executivo na sequência de eleições legislativas – serve de ponto de partida para uma sequência de atividades que permite aproximar os alunos da actualidade, ao mesmo tempo possibilitando a revisitação de modelos históricos de organização do poder: o poder régio na Idade Média, o abso-

lutismo monárquico, as ideias reformadoras do Iluminismo ou a queda da monarquia portuguesa e a construção da democracia no século XX.

Este plano valoriza também o papel dos *media* enquanto fontes de informação e conhecimento, fundamentais na formação de uma cidadania informada, crítica e participativa. A leitura de textos jornalísticos ajuda a desenvolver competências de literacia mediática, como a análise da intencionalidade, da linguagem informativa e da construção da notícia, fomentando a reflexão sobre a forma como a realidade política é comunicada e compreendida.

Com esta abordagem, pretende-se promover o pensamento crítico e a literacia democrática, desenvolvendo a capacidade dos alunos para identificar continuidades e rupturas nas formas de exercício do poder, bem como o impacto das ideias, instituições e cidadãos na construção da sociedade em que vivemos.

**DESTINATÁRIOS:**

- 3.º Ciclo.

**DISCIPLINAS:**

- História / Cidadania e Desenvolvimento / Português.

**PRÉ-REQUISITOS:**

- Conhecer noções básicas de sistema político português (consultar o site <https://espacojovem.parlamento.pt/o-que-e-o-parlamento>);
- Conhecer os conteúdos programáticos que se pretende relacionar com a notícia.

**MATERIAL:**

- Texto do PÚBLICO na Escola “Portugal já tem novo governo”, de Cláudia Lobo (2 de junho de 2025), fotocopiado ou projetado;
- Computador e projetor;

- Computadores para os alunos ou materiais como cartolinhas, cola, canetas, conforme a escolha da atividade.

**OBJETIVOS:**

- Identificar o tema, as ideias principais e os factos relevantes presentes na notícia de cariz político;
- Relacionar a atualidade política com diferentes formas históricas de organização do poder (monárquico, absolutista, autoritário e democrático);
- Construir uma linha do tempo representativa da evolução das formas

de poder em Portugal, com base em marcos históricos essenciais;

- Debater, de forma fundamentada, os valores da democracia, da participação cívica e da separação de poderes;
- Refletir sobre o papel dos *media* na formação de cidadãos informados e críticos, reconhecendo a sua função na sociedade democrática;
- Promover atitudes de respeito pela diversidade de opiniões e de valorização da memória histórica como instrumento de leitura do presente.

# Plano de aula : Desenvolvimento

## Antes da leitura do texto

- Conversa orientada sobre o que é um governo, como se forma e qual o seu papel numa sociedade democrática;
- Recolha de ideias sobre o funcionamento do sistema político em Portugal e os diferentes órgãos de soberania;
- Discussão sobre formas históricas de poder que os alunos já estudaram (monarquias, absolutismo, ditaduras), promovendo ligações com o presente;
- Identificação de momentos da História de Portugal em que ocorreram mudanças significativas na estrutura do poder político.

## Momento de leitura do texto

- Projeção da notícia ([disponível em https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/portugal-ja-novo-governo-2135608](https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/portugal-ja-novo-governo-2135608)) ou distribuição em fotocópias;
- Exploração inicial do título da notícia e observação de elementos visuais (como fotografias ou legendas), para levantar hipóteses sobre o conteúdo;
- Leitura do texto alternada pelos alunos, em voz alta.

## Depois da leitura do texto

- Relacionar o conteúdo da notícia com os conhecimentos prévios da turma;
- Retomar os tópicos abordados antes da leitura, refletindo sobre o que os alunos já sabiam e o que o texto confirma, amplia ou corrige. Por exemplo: como se organiza o governo português? Quem são as figuras principais referidas na notícia? Como se forma um executivo após eleições legislativas?
- Identificar o género jornalístico: que tipo de texto está a ser lido (notícia, crónica, reportagem, entrevista) e identificar os seus elementos distintivos. No caso da notícia em análise: objetividade, linguagem clara, presença de dados verificáveis, estrutura informativa;
- Localizar e nomear as partes do texto: distinguir e nomear o ante-título, o título principal, o *lead*, os subtítulos e as secções do corpo do texto. Refletir sobre a função de cada parte na construção da mensagem noticiosa;
- Analisar a imagem e os elementos visuais associados: observar a(s) fotografia(s) presente(s) na notícia, discutindo a sua função comunicativa. Analisar a legenda e o crédito fotográfico. Perguntas orienta-

doras: o que acrescenta a imagem à notícia? Que emoção ou mensagem transmite? Está alinhada com o texto?

➤ Identificar o autor e a fonte da notícia: reconhecer o nome da jornalista e o jornal em que o texto foi publicado. Aproveitar para refletir sobre a importância da credibilidade das fontes, sobretudo em temas políticos. Introduzir noções básicas de literacia mediática: como distinguir informação fidedigna de desinformação?

### PROPOSTA DE TRABALHOS:

- Realizar uma pesquisa orientada sobre outras formas de poder ao longo da História de Portugal: distribuir aos alunos diferentes períodos ou modelos políticos: monarquia feudal, absolutismo, república, ditadura e democracia. Cada grupo deverá identificar características principais do sistema, o modo de acesso ao poder, o papel dos cidadãos e a legitimidade do poder. Comparar com o sistema democrático atual. Poderá ser realizado num organograma fornecido pelo professor ou construído pelos alunos em plataformas digitais (Padlet, Canva, Prezi, Powerpoint, outro);
- Construir uma linha do tempo visual: criar, em grupo, uma linha cronológica ilustrada com os principais marcos da evolução política em Portugal, desde a fundação da monarquia até à atualidade. Incluir datas, acontecimentos e mudanças de regime. Poderá ser construída com materiais físicos ou em plataformas digitais (Padlet, Canva, Prezi, Powerpoint, outro);
- Desenvolver um debate em sala de aula: organizar um debate sobre a importância da democracia e da participação cívica. Exemplo de questão-motriz: é possível uma democracia sem cidadãos informados? Estimular o uso de argumentos fundamentados e o respeito por opiniões divergentes;
- Produzir uma notícia sobre o governo ideal da perspetiva dos alunos. Depois de analisarem a notícia referida, os alunos são desafiados a escrever, em grupo, uma notícia imaginária com o título: “O Governo dos Nossos Sonhos: propostas para um futuro mais justo”. Devem aplicar a estrutura noticiosa aprendida: título, entrada, corpo do texto, linguagem clara, factos objetivos.

## AVALIAÇÃO:

- Envolvimento dos alunos durante todo o processo (interesse, responsabilidade, espírito crítico, capacidade de colaboração);
- Qualidade dos trabalhos realizados (contextualização histórica, criatividade, trabalho colaborativo).

## MAIS SUGESTÕES:

- Dramatização de uma tomada de posse/de um plenário com a participação de vários partidos;
- Elaboração de cartazes informativos, *flyers* ou outros suportes físicos ou digitais, em articulação com Educação Visual, onde deverão incluir também palavras-chave associadas à cidadania: liberdade, justiça, igualdade, participação, responsabilidade.
- Consulta de sites sobre estas matérias (<https://50anos25abril.pt/historia/havera-eleicoes-1975/>).

## VISITAS DE ESTUDO:

- Assembleia da República - Visitas guiadas, visitas guiadas virtuais, Casa do Parlamento - Centro Interpretativo (<https://www.parlamento.pt/EspacoCidadao/paginas/visitaspalaciosbento.aspx>);
- Museu da Presidência/Palácio Nacional de Belém (<https://www.museu.presidencia.pt/pt/fazer/visitas-orientadas/>).

O jornal PÚBLICO não é escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990.



AUTORA: MARIA AUGUSTA ROSÁRIO,  
PROFESSORA DE HISTÓRIA



# A Casa das Ciências Explica



## Método de Hondt

De que forma são distribuídos os lugares de deputado no Parlamento? E por que razão às vezes se ouve dizer que o método não é completamente justo? Já vamos perceber melhor.

**C**omo recentemente houve [eleições para a Assembleia da República Portuguesa](#), talvez seja oportunamente esclarecer o método de eleição que tem sido usado em Portugal – o chamado **método de Hondt** – bem como algumas questões que esse método coloca.

Muito sumariamente, o método de Hondt é uma forma de fazer a distribuição de lugares no Parlamento, em eleições proporcionais, especialmente em sistemas de listas fechadas, como muitas vezes acontece em eleições legislativas na Europa. O

objetivo é distribuir os assentos no Parlamento pelos diversos partidos concorrentes, de forma proporcional ao número de eleitores que cada partido ou lista recebeu.

Para explicar em que consiste, vamos analisar um exemplo mais simples que vos é familiar.

Suponhamos que são marcadas eleições para a Federação Académica de uma universidade. A Federação é responsável por representar os estudantes e defender os seus interesses. A universidade é composta por várias escolas (**Faculdade de Ciências, Faculdade de Letras,**

As eleições legislativas para a Assembleia da República foram no dia 18 de maio  
**FOTO:** Nuno Ferreira Santos

**Faculdade de Economia, Faculdade de Engenharia, etc.).** Cada escola funciona como um “círculo eleitoral”.

Às eleições concorrem várias listas candidatas (os “partidos políticos”), cada uma com diferentes propostas e ideias para a Federação. Por exemplo:

## VOTA

### LISTA A

“Inovação e Tecnologia”

### LISTA B

“Cultura e Desporto”

### LISTA C

“Apóio Social e Académico”

### LISTA D

“Sustentabilidade e Ambiente”

Cada escola tem um número de delegados a eleger para a Federação, proporcional ao número de estudantes matriculados nessa escola. Assim, por exemplo:

#### Faculdade de Engenharia

12.000 eleitores; 12 delegados a eleger.

#### Faculdade de Economia:

8.000 eleitores; 8 delegados a eleger.

#### Faculdade de Ciências

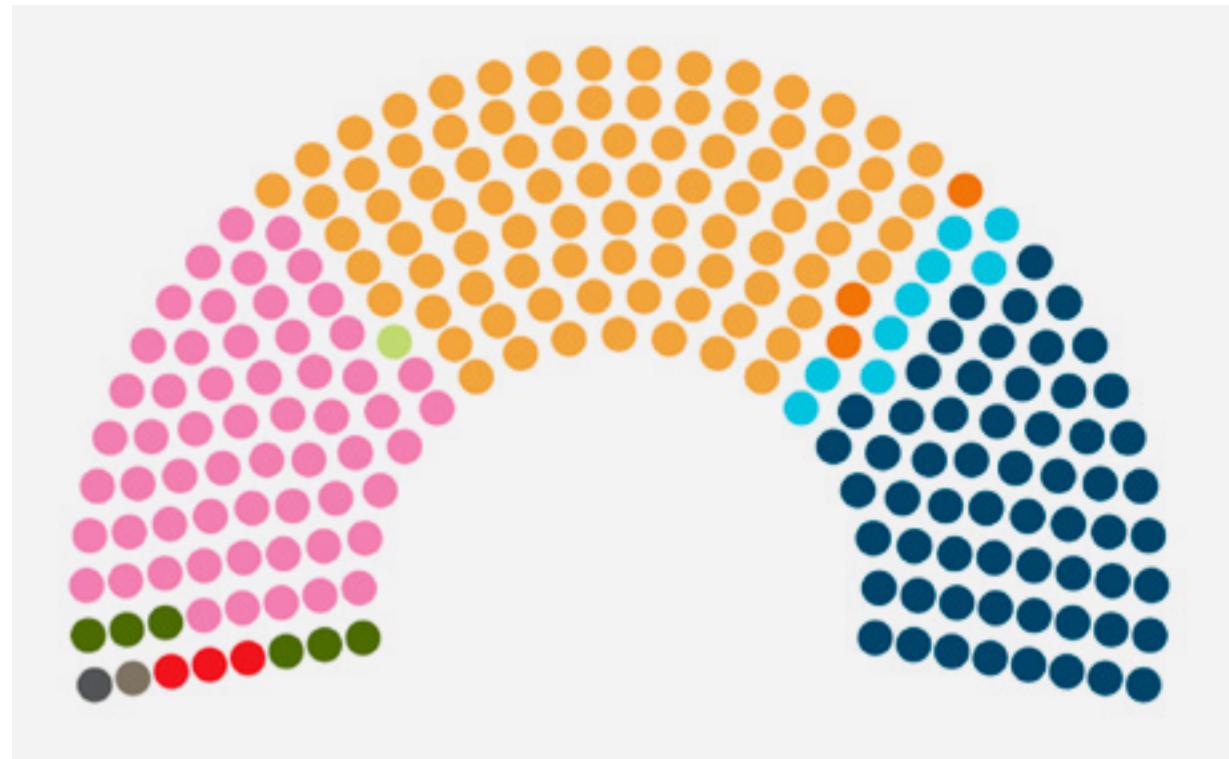
5.000 eleitores; 5 delegados a eleger.

#### Faculdade de Arquitetura

8.000 eleitores; 8 delegados a eleger.

#### Faculdade de Letras

10.000 eleitores; 10 delegados a eleger.



Chegou o dia das eleições, após uma campanha em que as 4 listas discutiram e promoveram os respetivos programas em várias assembleias, muito participadas, durante um mês.

Para simplificar a discussão, vamos analisar o que aconteceu numa das escolas. O mesmo método será aplicado às restantes. Suponhamos então que os resultados na Faculdade de Engenharia (que tinha 12 000 eleitores para eleger 12 delegados), foram os seguintes:

› **Abstenção:** 30%, isto é, 3.600 não votaram.

› **Votos Nulos:** Percentagem de votos inválidos. Por exemplo, votos em mais do que uma lista, votos ilegíveis mal preenchidos, etc.: 5% dos votos expressos, isto é, 5% dos 12.000 - 3.600 = 8.400 votos expressos, o que dá  $(5 \times 8.400) / 100 = 420$  votos nulos.

› **Votos úteis** = 12.000 (eleitores) - 3.600 (abstências) - 420 (votos nulos dos votos expressos) = 7.980.

Após a contagem dos votos úteis, concluiu-se que estes foram distribuídos pelas 4 listas concorrentes da seguinte forma:

### LISTA A:

“Inovação e Tecnologia”  
2.080 votos

### LISTA B:

“Cultura e Desporto”  
1.200 votos

### LISTA C:

“Apóio Social e Académico”  
2.400 votos

### LISTA D:

“Sustentabilidade e Ambiente”  
2.300 votos

Perante estes resultados, como se repartem os 12 delegados, a que a Faculdade de Engenharia tem direito, pelas 4 listas concorrentes?

Vamos aplicar o método de Hondt. Como? O processo consiste de várias etapas, com se indica a seguir:

<b>Lista</b>	<b>Votos úteis</b>	<b>Divisão por 1</b>	<b>Divisão por 2</b>	<b>Divisão por 3</b>	<b>Divisão por 4</b>
Lista A	2.080	2.080	1.040	693 (arredondado)	520
Lista B	1.200	1.200	600	400	300
Lista C	2.400	2.400	1.200	800	600
Lista D	2.300	2.300	1.150	767 (arredondado)	575

**1)** Ordenamos **todos** os números da tabela por ordem decrescente. Apenas os que resultaram das divisões feitas no ponto anterior (são 16) e independentemente da linha ou coluna em que estão. Obtemos a seguinte lista ordenada, em que entre parêntesis assinalamos a linha (Lista) em que ocorrem: 2.400 (C); 2.300(D); 2.080(A); 1.200(B); 1200(C); 1.150(D); 1.040(A); 800(C); 767(D); 693(A); 600(B); 600(C), 575 (D); 520 (A); 400 (B) e, finalmente, 300 (B).

**2)** Como temos 12 delegados para eleger, basta agora escolher os primeiros doze números da lista anterior. Obtemos (números a amarelo) sucessivamente 2.400 (C); 2.300(D); 2.080(A); 1.200(B); 1200(C); 1.150(D); 1.040(A); 800(C); 767(D); 693(A); 600(B); 600(C) – entre parêntesis estão as listas.

**3)** O resultado final na Faculdade de Engenharia foi, por isso, o seguinte:  
 - Lista A elege 3 delegados;  
 - Lista B elege 2;  
 - Lista C elege 4; e, finalmente, a  
 - Lista D elege 3 delegados.

Este processo é repetido em cada escola da universidade. No final, somam-se os delegados eleitos por cada lista em todas as faculdades para determinar a composição final da Federação Académica.

A analogia com a situação das eleições legislativas é a seguinte:

Federação académica = Parlamento português; Faculdades = Círculos eleitorais; Listas = Partidos políticos; Delegados = deputados; Estudantes = eleitores recenseados.

O leitor pode consultar aqui o “[Mapa Oficial n.º 1/2025](#)” da Comissão Nacional de Eleições, que mos-

tra o número de eleitores registrados em cada círculo eleitoral, o número de deputados a eleger para a Assembleia da República em 18 de maio de 2025, bem como a distribuição desses deputados pelos diferentes círculos eleitorais (distritos).

Pode ainda ver na página da Casa das Ciências uma simulação em Python, “Método de Hondt.py”, do método de Hondt, para testar os resultados acima explicados. Pode até adaptá-lo a outras situações.

### Algumas observações e questões:

► **Abstenções:** diminuem a participação eleitoral, mas não afetam diretamente a proporcionalidade dos sistemas que usam apenas os votos válidos para os cálculos. Um alto nível de abstenção pode levantar questões sobre a legitimidade do processo eleitoral e o nível de responsabilidade e compromisso dos eleitores.

► **Votos Nulos:** reduzem o número total de votos válidos, o que pode afetar a distribuição dos lugares, especialmente em sistemas com margens estreitas. Votos nulos podem indicar falta de informação ou confusão dos eleitores sobre como votar corretamente.

Para mitigar o impacto das abstenções e votos nulos, deve investir-se em campanhas de informação e sensibilização para incentivar a participação e garantir que os eleitores tenham uma informação, o mais isenta e completa possível, sobre o que propõe cada partido e ainda sobre a exequibilidade das propostas.

► **O método de Hondt pode ser “injusto”**, prejudicando certos partidos, especialmente em cenários com muitos partidos, incluindo vários “pequenos partidos”. Eis algumas situações em que isso se manifesta:

► **Favorecimento de Partidos Maiores:** o método de Hondt tende a favorecer partidos maiores em detrimento dos menores. Isso ocorre porque a forma como os quocientes são calculados (dividindo o número de votos por 1, 2, 3, etc.) dá uma vantagem inicial aos partidos com mais votos. Eles conseguem “ocupar” os primeiros assentos de forma mais fácil, enquanto os partidos menores lutam para obter os assentos restantes.

► **“Desperdício” de Votos em Partidos Pequenos:** em distritos onde há muitos partidos pequenos a concorrer, é comum que muitos deles não consigam atingir um quociente alto o suficiente para eleger um representante. Os votos que recebem são, portanto, “desperdiçados” no sentido de que não contribuem para a eleição de alguém.

► **Impacto da Distribuição Geográfica dos Votos:** o método de Hondt é aplicado a cada círculo eleitoral separadamente. Poderá, por isso, acontecer que um partido possa ter um número considerável de votos a nível nacional, mas, se esses votos estiverem dispersos por vários distritos, ele poderá não conseguir eleger nenhum

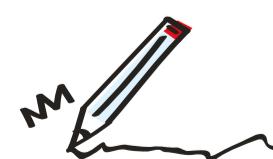
representante. Isso é especialmente problemático para partidos pequenos que não têm uma base de apoio concentrada em nenhuma região específica.

Convido o leitor a apresentar situações concretas ilustrativas destas situações e de outras em que eventualmente haja partidos prejudicados. Consulte os [resultados das eleições de 18 de maio](#) deste ano, e descubra possíveis “injustiças” desse tipo.

A Casa das Ciências convida a que faça perguntas sobre os artigos “A Casa das Ciências explica”.

Aqui: <https://www.casadasciencias.org/explica/form.php>

No portal da Casa das Ciências, poderá encontrar uma versão mais completa deste artigo, onde se analisam outros métodos de eleição. Convidamos o leitor a ler essa versão.



TEXTO DE AUTOR: JOÃO NUNO TAVARES,  
DIRETOR DA CASA DAS CIÊNCIAS  
E-MAIL: [jntavar@fc.up.pt](mailto:jntavar@fc.up.pt)

P